

Aires Barbosa na Cosmópolis Renascentista

Italo Pantani, Margarida Miranda &
Henrique Manso (coordenadores)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SAPIENZA. UNIVERSITÀ DI ROMA
SAPIENZA. UNIVERSITY OF ROME

A VIAGEM MARÍTIMA COMO METÁFORA DA CRIAÇÃO LITERÁRIA: O EXEMPLO PARADIGMÁTICO DO HUMANISTA AIRES BARBOSA

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO
Universidade de Coimbra

- Então, ti Manel, como vai a vida?
- Cá vamos, meu amigo, ... tocando o barco.

“Tocando o barco” – uma expressão das mais recorrentes na linguagem popular e com raízes que se perdem na penumbra do tempo; uma metáfora herdada do campo da viagem náutica e de grande fortuna entre povos marinheiros, como eram os gregos e os latinos, de quem recebemos as bases da nossa cultura e, como eles, possuímos a mesma vocação marítima. Ela aparece com variadas aplicações, desde o sentido do decurso da vida, pessoal ou social e política, passando pela vivência amorosa expressa na obra dos poetas líricos, e sobretudo como imagem da gestação e criação literária. Mas sempre com o sentido geral de dificuldade, esforço e perigo, na luta genérica da experiência existencial, no desconcerto de amores e desamores, na utopia da governança e do poder, e no próprio desforço e nas dores de dar à luz uma obra escrita.

De tudo isto encontramos na história da literatura, desde as nossas fontes primordiais, sobretudo greco-latinas.

A metáfora da nau do Estado, por exemplo, que faz da vida política um percurso náutico e de quem governa um timoneiro, remonta ao séc. VII a. C. na voz do poeta Arquíloco (fr. 56 Diehl); tornou-se famosa mais tarde através dos poemas de Alceu (fr. 326 Lobel-Page); nela se baseou, quatro séculos depois, o poeta latino Horácio na sua alegoria da nau da república nos 20 versos da Ode I, 14, que se tornou famosa a ponto de, pouco depois, Quintiliano tê-la tomado como modelo, ao definir o conceito de alegoria. Mas, ainda na literatura grega, encontramos, por exemplo, na *Antígona* de Sófocles (séc. V a. C.) pelo menos quatro passos desta mesma metáfora náutica; e um caso de extrema expressividade é o da tragédia *Sete contra Tebas*, de Ésquilo, (séc. VI-V a. C.) em que Etéocles se apresenta como um almirante agarrado ao timão da cidade de Tebas metaforizada em navio acochado pela armada inimiga, e que os analistas chamam a “nau da maldição”¹. Como metáfora da escrita, o comediógrafo Aristófanes (séc. V-IV a. C.) em *Os Cavaleiros* (vv. 541-544), toma a carreira do marujo a bordo como metáfora da vida e da carreira do dramaturgo².

¹ Cf. Maria do Céu Zambujo Fialho. *A Nau da Maldição. Estudos sobre Sete contra Tebas de Ésquilo*. Coimbra: Minerva, 1996, p. 77 sgs.

² Cf. Maria de Fátima Sousa e Silva. *Os Cavaleiros* de Aristófanes. Introdução, versão do grego e notas. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1985, p. 70.

Na literatura latina é abundantíssima a mesma metáfora nos vários campos em que ela funciona, entre os quais avulta o de elemento comparante da criação literária. É muito frequente ver um escritor a “enfundar as velas da oratória”, como se vê em Cícero (*Tusculanas*, IV, 5, 9), a largar as velas (*vela dare*) ao mar da produção poética, como em Virgílio nas *Geórgicas* (II, 39-46), ou a recolher as velas (*vela trahere*) para terminar um excuro narrativo (*ibidem*, IV, 116-117). Ovídio é o poeta latino que porventura mais se serve da metáfora náutica para símbolo da escrita. Só na *Arte de Amar*, nos *Tristia* e nos *Fastos*, é possível encontrar mais de uma dezena de exemplos desse recurso. O mesmo se diga dos poetas Propércio e Estácio e mesmo dos prosadores Tito Lívio e Plínio-o-Moço.

De todos os autores portugueses em cuja obra encontrámos registada a metáfora náutica da criação literária, aquele que mais longa e expressamente a utilizou foi Aires Barbosa. Nascido por volta de 1475, em Esgueira, junto de Aveiro, estudou durante cerca de seis anos na Universidade de Florença, onde conheceu grandes mestres do humanismo italiano, como Hermolao Barbaro, Pico della Mirandola e Ângelo Policiano, de quem foi aluno assíduo, e onde teve por condiscípulo João de Médicis, futuro papa Leão X. Regressado a Portugal em 1495 como mestre graduado e especializado em línguas e literaturas clássicas, logo ingressou no corpo docente da Universidade de Salamanca, para aí se dedicar ao ensino da Retórica e das Humanidades. Tornou-se particularmente famoso como o primeiro professor da língua de Homero, pelo que ficou conhecido pela honrosa antonomásia de “Mestre Grego”, como ainda hoje se pode ver na documentação universitária da época, e mereceu dos críticos modernos o apelido de “patriarca do helenismo ibérico”. Depois de vinte e oito anos de trabalho letivo na cidade do Tormes, aí jubilou em 1523 e, a convite de D. João III, regressou a Portugal e passou a trabalhar no âmbito da corte como mestre dos irmãos do monarca português até 1530, ano em que pediu escusa dessas funções para passar os últimos dez anos de vida na sua terra natal.

Aires Barbosa, além de professor, foi também um excelente poeta latino, em que se notabilizou pelo poema *Antimoria*, de oposição ao “Elogio da Loucura” (*Moriae Encomium*) de Erasmo e deixou publicados mais de cem epigramas de tema variado. Mas as suas principais publicações têm caráter didático e filológico e são resultado de uma boa parte dos cursos que ele lecionou em Salamanca: um tratado sobre os verbos oblíquos (*In verba M. Fabii, Quid quod et reliqua. Relectio de verbis obliquis*, Salamanca, 1511); um compêndio de métrica, com o neologismo *Epometria* a servir de título (*Relectio cui titulus Epometria*, Salamanca, 1515); um volumoso comentário filológico ao poema *Historia Apostolica* de Arátor, que é a sua obra de maior vulto e importância (*Aratoris Cardinalis Historia Apostolica cum Comentariis*, Salamanca, 1516) e